

DESIGN DE MODA E ARQUITETURA: PROCESSOS INTERSEMIÓTICOS E DE HIBRIDIZAÇÃO

Jade Uchoas Barbosa¹⁶
Luiz André Gonzaga¹⁷
Antonio Colchete Filho¹⁸
Frederico Braida¹⁹

Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

RESUMO: Este artigo aborda as inter-relações entre os universos da arquitetura e do design de moda. Ele é fruto de uma pesquisa que adotou como premissa que, na contemporaneidade, partes do universo da arquitetura, do urbanismo e design de moda encontram-se hibridizadas. Portanto, este artigo tem por objetivo apresentar a lógica subjacente ao processo de hibridização entre esses dois universos projetuais. Metodologicamente, adotou-se uma análise das possíveis relações estabelecidas entre esses campos, tanto sob uma perspectiva histórica, quanto a partir de dois casos emblemáticos, sendo um internacional e outro nacional: as produções de Zaha Hadid e dos irmãos Campana para a marca de Sandálias Melissa. Ao final, espera contribuir com uma discussão que está amplamente deflagrada neste novo milênio: a intersemiose entre os campos da produção criativa humana, aos quais pertencem a arquitetura e o design de moda.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura; Moda; Design; Hibridismo; Intersemiótica.

ABSTRACT: This paper presents the interrelationships between Architecture and Fashion Design worlds. It is the result of a research which considered that parts of the Architecture, Urbanism and Fashion Design universes are hybridized. Therefore, this article aims to evidence the rationale behind the process of hybridization between these two design universes. Methodologically, we adopted an analysis of possible relations between these fields, both from a historical perspective, as from two emblematic cases, one international and one national: the design of Zaha Hadid and the Campana brothers for the brand Melissa. In the end, we hope to contribute to a discussion that is largely triggered this new millennium: the intersemiosis between the fields of human creative production, that Architecture and Fashion Design are included.

KEYWORDS: Architecture; Fashion; Design; Hybridism; Intersemiotics.

¹⁶ Universidade Federal de Juiz de Fora. jadeub@hotmail.com.

¹⁷ Universidade Federal de Juiz de Fora. luizandrearq@gmail.com

¹⁸ Universidade Federal de Juiz de Fora. arqfilho2@globo.com

¹⁹ Universidade Federal de Juiz de Fora. frederico.braida@ufjf.edu.br

Introdução

É praticamente um truísmo afirmar que a arquitetura e a moda têm se alimentado uma da outra de inúmeras formas (SOUZA, 2007; ARAUJO; BARBOSA, 2014). A apropriação, em via de mão dupla, de técnicas e tecnologia entre essas duas modalidades de projeto, tem gerado produtos esclarecedores dessa conjuntura contemporânea do design. Temos assistido a uma profusão de produtos, que não são senão frutos de misturas e combinações entre as duas áreas, e que atestam que a arquitetura, o urbanismo e o design de moda encontram-se hibridizados.

As relações entre essas áreas são claras, porém ainda não estão delimitadas, carecendo de um escopo teórico para a pesquisa fundamentada nos preceitos e princípios das ciências da linguagem, da comunicação e da semiótica como arcabouço epistemológico possível para a compreensão das relações dos objetos produzidos nas interfaces desses campos. A apropriação dos instrumentos entre essas vertentes do design, por si só, revela o caráter híbrido da pesquisa como proposta metodológica tanto de ordem teórica quanto de ordem prática. Ressalta-se que o híbrido se tornou uma categoria analítica da sociedade contemporânea e já se postulam, em quase todas as áreas, teorias sobre os híbridos.

As fronteiras difusas entre moda e arquitetura têm apontado para o desenvolvimento de práticas híbridas. A existência de vários trabalhos que desafiam as maneiras convencionais de pensar arquitetura e moda revela o potencial de um diálogo aberto entre as duas disciplinas. Inspirados pela rica gama de trabalhos que se mostram híbridos, as novas gerações de designers, dos dois campos, estarão certas em desenvolver maneiras ainda mais engenhosas de adotar formas e estratégias um dos outros que irão transformar a própria natureza dos edifícios e das roupas. Os novos arquitetos, urbanistas e designers de moda poderão se habituar a essa relação entre as áreas, tornando comum essa hibridização e contribuindo para a ampliação dos campos teóricos e profissionais dessas áreas.

Em suma, este artigo, fruto de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Laboratório de Estudos das Linguagens, Expressões e Design (LEAUD), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que se pretende muito mais a um ensaio do que propriamente um texto científico, fundamentado em técnicas precisas de coleta e análise de dados, busca apresentar uma das vertentes do processo de hibridização nas relações entre os campos da arquitetura, urbanismo e design moda, a fim de ser esquadrihada uma tipologia capaz de instrumentalizar leituras e análises dos produtos desses campos e de ação projetual na contemporaneidade.

Arquitetura e design de moda: inter-relações

Nas mais diversas manifestações artísticas, o designer procura inspirações que possam sustentar sua produção durante o processo de criação até o resultado final. Para isto, é preciso buscar inspirações que possam embasar seu produto, que podem ser ideais, teorias, trabalhos de terceiros, e até mesmo fruto do próprio inconsciente, tornando a inspiração artística como algo prazeroso e motivador.

Isso se aplica em diversas áreas, como nas artes plásticas, arquitetura, cinema, fotografia, moda, design gráfico, música, entre outras. Assim como todas estas técnicas estão direcionadas para proporcionar e influenciar as emoções humanas, a arquitetura e o design de moda possuem suas peculiaridades tendo o homem como o indivíduo que “usa”, tanto a arquitetura para habitar e vivenciar o espaço quanto a moda para vestir-se e transmitir valores expressos em roupas e acessórios.

Essas duas artes podem estabelecer relações mútuas que dizem a respeito a suas criações, como a moda pode inspirar-se em alguma arquitetura existente, ou vice-versa, gerando a hibridização, “vocabulário como o de corpo, pele, habitação e abrigo fazem parte do repertório destes artistas que utilizam tanto a moda e a arquitetura em seus trabalhos” (ARAÚJO; BARBOSA, 2014, p.11).

Se, durante anos da história humana, moda e arquitetura eram enxergadas de forma completamente separadas, ainda que suas imbricações tenham suas origens no cerne da proteção do corpo, foi a partir do século XVII que o arquiteto Gottfried Semper, que utilizava os termos em alemão *wand* (parede) e *gewand* (vestuário), começou a buscar as interações entre tais campos. A separação até então se devia ao fato de a moda ser vista de forma frívola, pouco acessível e como elemento de diferenciação de classes sociais, enquanto a arquitetura transmitia seus significados de acordo com a cultura, sociedade e região pertencente. Mas Semper propõe a ideia de que a arquitetura surgiu a partir das construções têxteis dos primeiros homens nômades que construíam suas tendas com tramas de tecido, assim como as primeiras peças de vestuário, e a moda como um marketing, algo para ser vendido.

Outro importante arquiteto que estabeleceu diretrizes entre moda e arquitetura foi Otto Wagner, que em contrapartida com Charles Baudelaire – venera a aparência feminina – Wagner acredita em um modelo masculino de moda, que representaria a modernidade, aliados com a funcionalidade e compromisso, características segundo ele masculinas, enquanto diz

que a moda feminina é supérflua, produzida apenas para a dissimulação.

Para Adolf Loos, já no início do século XX, a moda masculina resume-se aos conceitos modernistas, como por exemplo, a de um terno sendo uma casa; o exterior revela sua simplicidade por fora, mas o seu interior exalta a sua beleza.

Tais arquitetos estabeleceram relações entre moda e arquitetura enfatizando que uma sociedade transpassa seus valores representados nas artes como um todo. Também na atualidade, estilistas como Alexander McQueen, Jum Nakao e Yohji Yamamoto utilizam da arquitetura, como seus avanços tecnológicos e de softwares CAD, como bases para suas criações de moda; por suas vezes, arquitetos como Jean Nouvel e Rem Koolhaas buscam formas que possam adaptar ao corpo humano, e acabam encontrando no design de moda inspirações, o que aumenta a proximidade entre moda e arquitetura.

Assim, evidenciam-se, na contemporaneidade, diversos processos de hibridização entre os referidos campos, dentre os quais destacamos as arquiteturas vestíveis e os aspectos intersemióticos da forma, estrutura, textura e cor.

Arquiteturas vestíveis: corpo, roupa e edifício

O corpo aqui assume um papel de intermediário entre roupa e edifício e, como afirma Araújo e Miranda (2014), tanto a moda quanto a arquitetura geram espaços que serão preenchidos, ou mesmo, incorporados pelo corpo humano. Assim, moda e arquitetura encontram-se hibridizadas a partir da problemática do corpo.

A questão do corpo e suas ramificações são temas muito discutidos na atualidade e as possibilidades de investigar, conceituar e de construir o corpo tem atingido uma magnitude cujo limite parece ser o da própria linguagem. Para Castilho (2004, p.43),

a estrutura física e morfológica do corpo constitui-se como uma das possibilidades de integração do sujeito com o mundo, isto é, como uma das formas de estabelecimento de suas significações como o 'outro', em outras palavras o corpo é o responsável pela conexão entre o ser e o meio, caracterizado pela construção de canais para interação sociocultural.

O fato é que tanto a moda quanto a arquitetura partem da forma humana, ou seja, do corpo para criar. A roupa é frequentemente interpretada como a segunda pele do corpo; para Flügel (1966), as roupas são casas portáteis, que privilegiam o ser humano, enquanto que

Rebello e Oliveros (2005) citam a roupa como primeira cobertura, exercendo o papel de primeira arquitetura, como uma espécie de “abrigo imediato” do corpo. A casa, ou edifício, por sua vez, nesta mesma linha de raciocínio, segundo Azevedo e Silva (2011), pode ser entendida como uma pele grossa ou ainda uma terceira pele, partindo da mesma ideia de abrigo e proteção, pois auxilia na construção de barreiras contra a natureza proporcionando o respiradouro para a civilização.

A moda e arquitetura buscam um equilíbrio entre a estética, a funcionalidade e o conforto. Cada vez mais a arquitetura se aproxima do corpo, ao mesmo tempo em que o corpo faz parte da estrutura da roupa, como uma adequação do indivíduo ao meio. Para Mello e Silva (2007), é a partir do próprio corpo que o homem concebe sua unidade de proporção e escala, fazendo a roupa intermediária da relação entre o corpo e o ambiente.

O mundo contemporâneo é dotado de contínuas mudanças e até mesmo o corpo utilizado como suporte na moda não é estável, mas sim ativo e repleto de significações. Os elementos da moda e da arquitetura, juntamente com o corpo, convergem para a composição do meio urbano em que vivemos, usando uma linguagem estética para estabelecer uma comunicação coletiva, a fim de expressar mudanças de comportamentos individuais ou de grupos, muito além do intuito inicial de proteção.

Aspectos intersemióticos: forma, estrutura, textura e cor

A arquitetura e a moda têm se alimentado uma da outra de inúmeras formas e em processos de tradução intersemiótica. A apropriação, em via de mão dupla, de técnicas e tecnologia entre essas duas modalidades do design tem gerado produtos esclarecedores dessa conjuntura contemporânea do design, que nos surpreendem com traduções simbólicas de forma, estrutura, textura e cor.

Um atributo primário das obras arquitetônicas é a forma. A qualidade do espaço criado pelo edifício é diretamente influenciada pelo seu volume. Na moda, a roupa muitas vezes modifica a leitura da forma do corpo humano, podendo gerar e destacar volumes. Grandes arquitetos ganharam prestígio pela forma inusitada de suas criações, da mesma maneira como estilistas renomados criam coleções que exploram a experimentação volumétrica. No desfile do SPFW de 2010, a estilista Glória Coelho apresentou uma coleção de vestidos onde o volume das peças é trabalhado em tiras fragmentadas, que em conjunto, compõe formalmente

a roupa. A estilista utilizou um tecido perolado que trabalha a luz de uma maneira bem parecida como fazem as placas metálicas que revestem algumas obras de Frank Gehry, projetando diferentes nuances ao longo dos volumes. Isso é possível graças à semelhança com que os dois artistas modelam e trabalham as formas, de maneira orgânica.

Com relação à estrutura, no campo da moda e da arquitetura, ela pode ser analisada apenas como uma diferença de escala. Os tecidos são, estruturalmente, membranas, formados por cabos que resistem aos esforços de tração. Sistemas de malhas de cabos metálicos associados a barras são usados corriqueiramente na arquitetura, a fim de dar sustentação a edifícios; pode-se notar a mesma associação na saia de Jun Nakao, para a sua coleção de verão de 2004, que se inspira nos vestidos armados do século 19 e concebe uma vestimenta composta por cabos de papel vegetal e um anel de plástico. Esse mesmo conceito estrutural pode ser visto na cobertura do ginásio olímpico construído para as olimpíadas de 1964, em Tóquio.

A coleção outono/inverno da grife Maria Bonita, desenvolvida pela estilista Danielle Jansen e apresentada no SPWF de 2010 foi toda inspirada nas obras modernistas da arquiteta Lina Bo Bardi. As roupas levaram à passarela um diálogo artístico, que explora intensamente a textura das obras da arquiteta. Seu trabalho, situado dentro de uma produção brutalista, trabalha com a sobriedade das formas e das fachadas, gerando uma textura que foi traduzida nas peças da coleção através de representações simbólicas de elementos básicos de sua arquitetura, como as pequenas aberturas do edifício do SESC Pompeia, as linhas retas de seus volumes prismáticos e a predominância de elementos vermelhos em conjunto com fundos cinzas do concreto aparente.

Na edição seguinte do evento, no SPFW de 2011, a grife e a estilista apostaram novamente em buscar referências arquitetônicas para aplicar nas suas peças da coleção de verão. Dessa vez, o elemento que serviu de inspiração foi a cor e a textura das fachadas das casas simples do norte e do nordeste brasileiros, levando para a coleção a aparência ressecada das paredes iluminadas pelo intenso calor e os tons pastéis das tintas a base de cal e terra.

Esses produtos, que não são senão frutos de misturas e combinações entre as duas áreas, provam que ao menos algumas partes da arquitetura, do urbanismo e do design de moda encontram-se hibridizadas, em suas inspirações e produções.

Os arquitetos no mundo da moda: Zaha Hadid e irmãos Campana

Zaha Hadid foi uma arquiteta iraquiana, conhecida mundialmente por sua arquitetura desconstrutivista. Estudou na Architectural Association em Londres e na década de 1980 abriu seu escritório “Zaha Hadid Architects” [ZAHA HADID ARCHITECTS, [s.d.]]. Ela ganhou diversos prêmios pela sua arquitetura, sendo que o mais importante foi o Prêmio Pritzker de Arquitetura pelo conjunto de sua obra, em 2004; foi vencedora de vários concursos internacionais. Além das obras mais recentemente construídas, a arquiteta ficou reconhecida por seus projetos conceituais. Sua arquitetura é caracterizada pela complexa dinâmica das formas e conceitos.

Além de atuar no campo da arquitetura, Zaha Hadid tem trabalhos como designer de moda, fazendo parcerias com diversas marcas, como a Melissa e Louis Vuitton. Segundo ela, a moda é interessante por ser mais rápida do que a arquitetura, dando uma ideia do que está por vir. Nessas parcerias, assim como em sua arquitetura, ela usava técnicas avançadas de modelagem digital, materiais inovadores e formas inusitadas.

A Melissa é uma marca de sapatos e acessórios que surgiu em 1979 e teve como inspiração as sandálias usadas pelos pescadores da Riviera Francesa. Seus produtos são caracterizados pelo design e pelo material, o plástico.

O sapato concebido por Zaha Hadid em parceria com a marca Melissa (Figura 1) expressa um sentido de fluidez e movimento e se ajusta aos contornos orgânicos do corpo. Para enfatizar sua organicidade, o sapato possui um contorno assimétrico e, devido ao seu material (plástico), não possui emenda, formando, assim, uma peça única ou uma segunda pele. As técnicas avançadas de modelagem digital utilizada para produzir o sapato conferiram a ele qualidades ergonômicas e forma ousada.



Figura 1: Melissa Zaha Hadid.

Fonte: Disponível em: <http://www.zaha-hadid.com/wp-content/files_mf/1235_melis_phot_02.jpg>. Acesso em: 5 fev. 2015.

A Louis Vuitton é uma marca de roupas, bolsas, sapatos e acessórios de luxo mundialmente conhecida. Foi fundada em Paris na segunda metade do século XIX, no início apenas produzia bolsas e malas, nessa época reinventou o formato das malas criando um novo padrão. A bolsa desenvolvida pela Zaha Hadid tenta reinventar a tradicional bolsa da Louis Vuitton na forma, no material e no arranjo do monograma “LV”. A chamada Icone Bag (Figura 2) possui uma forma mais leve e orgânica, devido a uma série de intervenções físicas, tais como a extrusão e a distorção de algumas partes, criando uma nova tipologia de bolsas para a marca.



Figura 2: Icone Bag – Bolsa Zaha Hadid para Louis Vuitton

Fonte: Disponível em: <http://www.zaha-hadid.com/wp-content/files_mf/1257_louis_phot_05.jpg>. Acesso em: 5 fev. 2015.

No Brasil, destacam-se os Irmãos Campana, Fernando e Humberto Campana, que abriram seu escritório em 1983, em São Paulo. Seus trabalhos usam materiais comuns do dia a dia, que sofrem diversas transformações e reinvenções, buscando sempre novas possibilidades. Além disso, possuem características brasileiras como, por exemplo, as cores, as soluções criativas, o caos e a mistura. Entre suas obras estão projetos de móveis, design de interiores, paisagismo, cenografia e moda (CAMPANA; CAMPANA, 2015).

A parceria entre a Melissa e os Irmãos Campana teve início em 2005 com a sapatilha Favela (Figura 3), que foi inspirada em uma cadeira de mesmo nome produzida em 1991; ambas fazem referência às construções das favelas brasileiras feitas com sarrafos irregulares de madeira. Em 2006, eles criaram a coleção Zig Zag, que também foi desenvolvida a partir de uma poltrona de mesmo nome. Em 2008, foi lançada a coleção Corallo e em 2011, foi criada a Melissa Costela de Adão, em homenagem ao Brasil e inspirada na planta de mesmo nome. Essa sandália possuía o conceito que as folhas de plástico envolvem os pés. A sapatilha Papel foi desenvolvida em 2012 e inspirada em um modelo geométrico formado pelas ondulações de cartolina, reproduzido com material rústico. O modelo Fitas, lançado em 2014, foi inspirado no buffet Fitas, que foi desenvolvido a partir de um estudo sobre papelão (RODRIGUES, 2014).



Figura 3: Melissa Zig Zag e poltrona Zig Zag; Melissa Favela e poltrona Favela; Melissa Corallo e poltrona Corallo; e Melissa Fitas e buffet Fitas

Fonte: Disponível em: <<http://blog-melissa.s3.amazonaws.com/blog/wp-content/uploads/2013/10/Melissa-e-Campana.jpg>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

Considerações finais

Os projetos apresentados neste artigo são dois grandes exemplos emblemáticos dessa ampliação dos campos. Zaha Hadid, no cenário internacional, buscou em seu próprio repertório formal e tecnológico as bases coerentes para um projeto de produtos mais amplo, o qual abarca o universo da moda. Por seu turno, os irmãos Campana, designers de grande projeção no cenário brasileiro, fazem do seu argumento projetual arquitetônico e moveleiro o discurso formal (e também tecnológico) para produtos de moda.

Dessa forma, as sandálias Melissa projetadas por esses designers aqui apresentados, e tantos outros não citados, são reveladoras da contemporaneidade híbrida presente no século XXI, no início deste novo milênio. Conceitualmente, pode-se afirmar que se trata de processos intersemióticos, ou de traduções intersemióticas, de processos criativos que se contaminam mutuamente, fazendo com que os campos se alarguem, contribuindo ainda mais para nossa complexidade contemporânea, de invenção, negócios e inovação.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, B. F. João; MIRANDA, L. Clara. O espaço da moda: primeira casa ou segunda pele? **Revista Ciclos**, Florianópolis, v.1, n.2, fev. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/3558>>. Acesso em: 12 out. 2014.

ARAÚJO, João Gabriel F.B. de; BARBOSA, L. L. História da Moda e História da Arquitetura: do frívolo ao efêmero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 11. **Anais...** Gramado, RS. 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ped2014/trabalhos/trabalhos/1080_arq2.pdf>. Acesso em: 24 maio 2014.

AZEVEDO, Anna V. W. Silva de; SILVA, Maria Angélica da. Breves linhas sobre o corpo e a arquitetura. **Revista Vivência**, n. 37. 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/37/PDF%20para%20INTERNET_37/08_Maria%20Ang%C3%A9lica_Anna%20Vict%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 1 maio 2015.

CAMPANA, H; CAMPANA, F. **Biografia**. Site. 2015. Disponível em: <<http://campanas.com.br/pt#biography>>. Acesso em: 13 maio 2015.

CASTILHO, K. **Moda e linguagem**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

FLÜGEL, J. **A psicologia das roupas**. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

MELLO, Márcia M. Couto; SILVA, Liliâne F. Mariano. A arquitetura, o urbanismo e a moda. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 12. **Anais...** Belém, Pará, 2007. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3770/3693>>. Acesso em: 6 mar. 2015.

REBELLO, Y; OLIVEROS, R. Malhas: estruturas em moda e arquitetura. **A&U**, São Paulo, n. 133, p. 76-79, abr. 2005.

RODRIGUES, André. Irmãos Campana: a dupla de designers brasileiros mais reconhecida internacionalmente apresenta um incrível modelo de flat para o verão 2014 da Melissa. **Melissa Magazine**, São Paulo, n.10, 2014, p.22-23. Disponível em: <<http://beta.melissa.com.br/uploads/magazine/24/revista-24-11729389.pdf> >. Acesso em: 5 fev. 2015.

SOUZA, G. Walkyria. Moda e Arquitetura – Conexões Possíveis. **Actas de Diseño**: Encontro Latino-americano de Design. Faculdade de Design e comunicação. Universidade de Palermo. 2007. Disponível em: <http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auuspicios_publicaciones/actas_diseño/articulos_pdf/ADC085.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014.

ZAHA HADID ARCHITECTS. [s.d.]. Site. Disponível em: <<http://www.zaha-hadid.com/people/zaha-hadid/>>. Acesso em: 13 maio 2015.